

Versão Online

ISBN 978-85-8015-053-7

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2009

LEITURA: UM ESPAÇO PARA A INTERDISCIPLINARIDADE

Profa PDE: Regina Janiaki Copes

Resumo

Este artigo relata uma experiência de leitura desenvolvida com alunos das 5ª séries (6º ano) do Ensino Fundamental do Colégio Instituto de Educação Estadual Professor César Prieto Martinez, no Município de Ponta Grossa, Paraná. A atividade requereu um planejamento de aula em que o professor se utilizou de estratégias de leitura diferenciadas para acionar o cognitivo dos alunos e contribuir para a compreensão da leitura do livro “Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa”, de Ruth Rocha e Otavio Roth. Durante a aplicação das estratégias percebemos que os alunos apresentaram muitas dificuldades para compreenderem o que está escrito nas entrelinhas de um texto. Isso indica que necessitam de um professor mediador que seja capaz de levá-los à compreensão do texto por meio de artimanhas diversas que os possibilitem caminhar pelo texto descobrindo as armadilhas e quebrando-as, para que possam, assim, transver o mundo a partir da leitura (COLE, 2009). A metodologia utilizada permitiu aos alunos que participassem ativamente da aula e atingissem os objetivos propostos em cada atividade. Entendemos que, no trabalho com a leitura em sala de aula, o desenvolvimento de estratégias de compreensão leitora pode vir a ser uma excelente contribuição para a formação de leitores mais críticos capazes de circularem com segurança pelos quadrantes de um texto. Acreditamos que, quando, o aluno souber quais os caminhos que levam o leitor a entender o texto, ele será capaz de relacionar as leituras anteriormente realizadas às novas leituras construindo novos significado.

Palavras-chave: leitura; formação de leitores; estratégias de leitura; interdisciplinaridade.

1. Contexto do relato

Em nossas caminhadas enquanto professora de Língua Portuguesa e pesquisadora das questões relacionadas às políticas públicas de incentivo à leitura, à leitura, à formação de leitores e às práticas de leitura no cotidiano escolar temos buscado saber qual é o valor social que a leitura assume na vida de cada um de nós, uma vez que ler é um instrumento necessário à sobrevivência, ao mundo do trabalho, à luta contra nossas parcas condições de vida.

Todavia, despertar o interesse dos alunos pela leitura tem sido uma tarefa árdua tanto da família quanto da escola. Essas têm sido vistas como instituições capazes de despertar o gosto pela leitura. Assim, a família e a escola têm papel importante na formação dos leitores, pois elas se colocam como mediadoras na interação entre

autor/texto/leitor. No entanto, as famílias, muitas vezes, não dão conta desse processo e transferem a responsabilidade totalmente à escola. Dessa forma, a escola tem o reconhecimento social de ser um dos espaços privilegiados para se desenvolver nas crianças e jovens a “cultura da leitura”. (COPES, 2007, p. 13).

Porém, isso não é o que se tem visto acontecer, uma vez que o Programa Internacional de Avaliação (PISA), o Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica (SAEB) e a Prova Brasil divulgaram em 2008, que os índices de aprendizagem dos alunos são insatisfatórios em relação à leitura. Essa situação de fracasso escolar revela o estado precário do sistema educacional brasileiro, que não tem conseguido desenvolver nos alunos as capacidades de compreensão de leitura, isto é, as capacidades de ler, escrever e interpretar com segurança.

Esses sistemas de avaliações têm por objetivo medir até que ponto os jovens estão preparados para enfrentar os desafios de conhecimento das sociedades de hoje. Eles não avaliam apenas os conhecimentos que os alunos têm de conteúdos específicos em cada área, mas os processos e contextos em que esses conhecimentos são aplicados. As avaliações tiveram por objetivo medir a capacidade dos estudantes em retirar informações específicas, interpretar, refletir e avaliar textos. Esperava-se que os alunos mostrassem proficiência na compreensão leitora, fazendo inferências, utilizando informações, bem como criticando e construindo hipóteses a respeito do que se diz no texto.

Segundo Solé (1998) para que um indivíduo se torne um leitor autônomo e competente¹ é preciso que receba auxílio e suporte de um leitor mais capaz, isto é, de um mediador cultural. A autora enfatiza a necessidade de o professor ser leitor, apresentar a leitura de forma significativa, se envolver nesse trabalho de forma interativa, pois, além de oferecer diversos gêneros de textos aos alunos em sala de aula, é preciso ensinar a ler para que o aluno saiba o porquê da leitura, extraia significados e a compreenda.

2. Elucidando o uso de estratégias

Faz-se mister elucidarmos que as discussões sobre o uso de estratégias para o ensino da leitura vêm desde a década de 80, quando Ferreiro e Palácio (1987), reuniram

¹ O conceito de competência que adotamos, aqui, está vinculado com as condições de o aluno, por meio da leitura, apropriar-se do conhecimento historicamente acumulado, de ter consciência das contradições que permeiam a vida social.

uma série de estudos sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita na alfabetização, apresentados no Simpósio Internacional, sobre novas Perspectivas nos processos de Leitura e Escrita, no México. Esses estudos, embora fossem realizados na área da alfabetização, serviram e servem até hoje de suporte para discussões mais recentes sobre o processo do ensino da leitura.

É, portanto, por esse veio que transcorreremos em nossas discussões. Defendemos a leitura, sob uma perspectiva universal, multilíngue. (apud FERREIRO e PALÁCIO, 1987). Nesse sentido, a leitura deixa de ser entendida como uma prática reprodutivista pautada na decodificação e no reconhecimento de uma série de palavras fora do contexto, centrada em torno da verificação do desempenho em leitura, na identificação e no agrupamento de palavras para a formação de textos, na leitura como domínio de habilidades para reconhecer palavras e adquirir um vocabulário de palavras visualizadas, ou seja, palavras conhecidas pela vista, para ser entendida como sendo uma busca de significados e construção de sentidos.

É aí que entra o trabalho na perspectiva da psicolinguística, uma vez que falar, escrever, escutar e ler são processos psicolinguísticos. Segundo Goodman (apud FERREIRO e PALÁCIO 1987, p. 13), “os processos psicolinguísticos são tanto pessoais quanto sociais. São pessoais porque utilizados para satisfazer necessidades pessoais. São sociais porque são utilizados para a comunicação entre as pessoas”. Isso significa dizer que a linguagem é um processo social e, sendo assim, a leitura enquanto linguagem comunicativa entre autor/texto/leitor precisa fazer sentido para o aluno.

Diante dessa afirmação, somos levados a questionar: que espécie de leitor a escola tem formado e pretende continuar formando? Essa é uma resposta não muito difícil de responder, basta olharmos para os resultados das avaliações oficiais divulgados pelo IDEB, quando afirmam que os alunos das escolas brasileiras apresentam baixo nível de compreensão leitora.

As discussões que ora trazemos se delineiam na nossa crença de que a leitura deve ser ensinada na escola, uma vez que a diferença entre um leitor capaz de percorrer com segurança pelas tramas de um texto e um que não o é está na forma como cada leitor utiliza o processo de leitura. No entanto, sabemos que ensinar o aluno a ler de forma que possa interagir com o texto, não é uma coisa fácil e mágica é, antes de tudo, um trabalho que exige dedicação, compromisso e responsabilidade tanto por parte do professor quanto do aluno. Embora, o leitor para ler, precise saber decodificar os sinais gráficos, ele precisa também ter determinadas habilidades para adentrar no texto.

Segundo Goodman (apud FERREIRO e PALÁCIO, 1987, p. 14-15), “para compreendermos o processo de leitura, devemos compreender de que maneira o leitor, o escritor e o texto contribuem para ele”. Equivale dizer que “a leitura implica uma transação entre leitor e o texto” (p.15). Isso significa que o sucesso de um leitor está vinculado à forma que ele conduz o processo de sua leitura. E, isso tem a ver com o seu propósito, com a sua cultura, com os seus conhecimentos prévios, com o seu controle linguístico, com as atitudes e os esquemas conceituais que faz no momento da leitura. Segundo a autora (p. 15), “toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori”. Os conhecimentos prévios do leitor é que permitem as variações de interpretação e de compreensão do texto de um leitor para outro. Isso aponta que a compreensão de um texto depende da natureza das contribuições pessoais que o leitor traz para um texto. Lemos e escrevemos de forma diferente em situações diferentes de uso da linguagem escrita. Ler é um processo complexo, pois conforme a maneira que o autor escreve o seu texto, ele afeta a leitura do leitor que vai construindo o significado a partir do texto na ausência do escritor do texto, levamos em consideração que o autor não está próximo para explicar situações não compreendidas, assim o leitor depende unicamente do texto para construir significado. De acordo com a proximidade que temos da forma de escrita e, aqui entra o gênero e o suporte textual, da linguagem e do assunto do texto. A leitura não acontece por um único processo, ela se dá por meios diversos, depende da capacidade e dos propósitos do leitor.

O texto não é um amontoado de palavras dispostas nas linhas do papel, ele é um tecido complexo com características individuais próprias do autor, do gênero, tipo e suporte textual e inclui-se as regras da norma padrão de escrita da língua em uso. O autor quando escreve, escreve com um propósito definido e, o leitor, no momento da leitura, vai descodificando, entrando nas entrelinhas como um detetive desvendando as amarras e armadilhas intencionais do autor.

Consideramos que o uso adequado de estratégias metodológicas para o ensino da leitura implica em mudanças de postura do educador, que passa de detentor do saber a mediador, oportunizando ao educando a possibilidade de interagir, construindo seu próprio conhecimento. Ensinar a ler exige do professor mudanças de paradigmas; exige inovar metodologicamente em estratégias de leitura que contribuam para acionar o cognitivo do aluno.

Nos dias atuais, por exemplo, há outras formas de acesso a um documento escrito, que não o livro real. Os recursos multimídia de áudio e imagem, somados aos hipertextos oferecem novos caminhos e atrativos que envolvem o aluno, estimulando o aprendizado. Quando o aluno lê pelo computador, navegando pela *internet*, por exemplo, faz a leitura por meio de um suporte que apresenta uma forma não linear de leitura. Navegando pelos *links*, o aluno envereda por diferentes atalhos, o que pode tornar uma aula imprescindível e exigir do professor mais abertura e uma postura interdisciplinar, aproveitando as situações criadas por novas descobertas.

Para Solé (1998), ao se desenvolver atividades de leitura com os alunos é preciso que o professor tenha em mente que a leitura precisa ser desenvolvida em três momentos fundamentais: o antes, o durante e o depois da leitura. Isso, se o que se pretende é formar leitores capazes de desvelar e compreender um texto.

O primeiro momento da aplicação das estratégias de leitura na perspectiva de Solé (1998) é o momento em que o professor deve levar os alunos a sentirem vontade, curiosidade em ler o texto proposto. Esse momento pode ser considerado o mais importante no processo, pois é nele que o professor irá despertar o interesse dos alunos pela leitura do texto, é o chamado momento da expectativa. Solé (1998) afirma que nesse momento o professor pode motivar os alunos, oferecer-lhes finalidades, objetivos para leitura, ativar seus conhecimentos prévios, incentivar suas previsões e perguntas, levá-los a debater e opinar estimulando-os à leitura e à escrita. A finalidade principal desse momento é ativar os conhecimentos anteriores a partir dos quais os alunos atribuem significados aos novos objetos de conhecimentos. Nesse caso, ativar os conhecimentos que os alunos já têm sobre o conteúdo, o gênero, o autor, as marcas próprias do texto, são estratégias fundamentais no processo de ensino de leitura.

Esse posicionamento nos permite dizer que a aquisição das habilidades de leitura depende não somente dos métodos utilizados como também da relação que o aluno tem desde pequeno com a cultura da leitura. Nessa direção, hoje, podemos contar com a colaboração dos recursos tecnológicos cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas proporcionando-lhes novos aprendizados para a escolarização, principalmente, das crianças e dos jovens. No entanto, como tudo na vida tem o seu lado bom e ruim, há que se dizer que as práticas sociais de leitura acontecem, cada vez mais de forma isoladas, solitárias, não ajudam a formar uma comunidade leitora capaz de debater, inferir significado ao conteúdo do texto. A escola precisa acreditar que a leitura se dá no momento da compreensão do texto lido e, nesse caso, quando o aluno dá sentido à

leitura que fez ou está fazendo, fica mais fácil de despertar o interesse para outras leituras se utilizando de diferentes gêneros textuais.

Sabemos que, se a intenção é formar leitores críticos, então uma das maneiras de se conseguir que crianças e jovens leiam é vivenciando experiências significativas com a leitura, entrando no mundo sem fronteiras da leitura que emociona, surpreende, cria expectativas, rejeição, curiosidade em saber como a história irá terminar. O segredo é deixar que leiam e descubram a função dos textos literários e dos não literários que circulam e estão presentes no dia a dia de todos nós. É fundamental levá-los a entender que cada gênero textual tem a sua especificidade e, portanto, é utilizado de acordo com as nossas necessidades em um determinado momento.

Como professora que ministra aulas de Língua Portuguesa em 5ª séries (6º ano) do Ensino Fundamental vivenciamos a seguinte problemática: os alunos mesmo dominando os códigos da língua, muitas vezes, têm dificuldade em ler e compreender um texto. O que percebemos em nossas salas de aula é que alguns apresentam resistência a tudo o que se refere à leitura e à escrita. Outros têm mesmo dificuldades em ler e, por não saber como superá-las ou não contar com alguém para ajudá-los, evitam ler.

Foi pensando na formação de leitores capazes de ler e compreender um texto em suas múltiplas facetas, bem como entender o valor social que tem a leitura, fomos levados a nos perguntar, como deve agir o professor ao se deparar com estudantes que iniciam a 5ª série (6º ano) e ainda não são leitores competentes. Entendemos que cada caso exige atenção e tratamento diferentes. Primeiramente, acreditamos que todo professor mediador da leitura precisa saber os motivos pelos quais os alunos não gostam e não querem ler. Em segundo lugar, acreditar que o aluno pode aprender é a melhor atitude de um professor para chegar a um resultado positivo em termos de formação de leitores. O professor deve levar em consideração que os alunos processam rapidamente as informações, têm boa memória, estão sempre dispostos a receberem novidades e se empolgam com elas.

O importante é que se leve em conta a cultura e o ambiente letrados em que os alunos se encontram antes e durante todo o processo de ensino e aprendizagem. O que não pode acontecer é o professor pensar que o aluno precisa adquirir primeiro o código da língua para depois partir à compreensão e entendimento dos diversos e variados textos. Acreditamos que ambos têm de ocorrer ao mesmo tempo, e aí está o diferencial da proposta que apresentamos.

A partir do 1º semestre de 2008, procuramos desenvolver nas 5ª séries (6º ano) A, B, C e D do Ensino Fundamental do Instituto de Educação Estadual Prof. César Prieto Martinez, no Município de Ponta Grossa, Paraná, nas aulas de Língua Portuguesa, atividades de leitura com o intuito de verificar se, por meio de aplicação de diferentes estratégias e ferramentas metodológicas que contribuem para acionar o cognitivo dos alunos, eles conseguiriam com maior facilidade fazer uma leitura compreensiva do texto que estavam lendo.

Com essas atividades objetivamos estabelecer uma relação entre o proposto teoricamente pelos autores que têm realizado discussões sobre ensino e aprendizagem de leitura em sala de aula, tais como: Jolibert (1994); Solé (1998); Smith (1989, 1999); Colomer e Camps (2002); Teberosky (2003); Marcuschi (2008); Jolibert e Sraiki (2008); Kleiman (1993, 1996); Koch e Elias (2008 e 2009), entre outros. Esses autores defendem a aplicação prática de estratégias de compreensão de leitura em sala de aula.

Neste artigo apresentamos o relato de apenas uma das atividades propostas, não que julgamos essa a melhor ou a que obtivemos maior êxito, mas a que nos interessa para a discussão que desejamos neste texto.

Não temos a pretensão de com esta experiência ensinar como se trabalha a leitura em sala de aula, mas socializar uma experiência sobre a possibilidade de se aplicar estratégias de compreensão de leitura para contribuir com a formação de leitores competentes.

3. Detalhamento das atividades e discussão dos relatos

O objetivo da atividade residia em, a partir das discussões realizadas pelos autores, acima citados, sobre a aplicação de diferentes estratégias metodológicas, ajudar o aluno na compreensão do propósito do texto motivando-o para a leitura. Dentre as atividades que planejamos e aplicamos em sala de aula, escolhemos a que desenvolvemos no mês de setembro. Justificamos a nossa escolha pela pertinência do tema “água”, vinculado aos conteúdos que seriam abordados nas disciplinas de Geografia e Ciência e, ainda, porque a televisão estava constantemente noticiando e fazendo discursos apelativos em relação à preservação ambiental, enfocando sempre a possibilidade de daqui a 50 anos não existir mais vida no planeta Terra, devido à falta de água potável.

Para tanto, escolhemos o livro “Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa”, de Ruth Rocha e Otavio Roth, publicado pela editora Moderna em 2007. Cuéllar, ao prefaciar o referido livro, começa dizendo que, os autores trazem, no livro, uma imagem do planeta de uma forma muito apropriada que deveria ser divulgada para que as pessoas pudessem ver, sentir e, assim, valorizar o planeta, herança única e preciosa. Continua, ainda, enfatizando que talvez uma boa maneira de começar uma campanha em prol da preservação do planeta seria começar com as crianças. Cuéllar vai além, considera a obra oportuna e necessária. Segundo ele a obra “dá vitalidade e compreensão à Declaração Mundial sobre Meio Ambiente, de Estocolmo, que representa talvez o primeiro consenso global, sobre nossa responsabilidade pelo cuidado e manutenção desse pequeno planeta”.

O livro nos pareceu uma ótima oportunidade para trabalharmos com a temática “Meio Ambiente”. Nossa intenção com essa leitura era fazer com que os alunos, além de ler o livro, fizessem relações com os conteúdos trabalhados em Geografia e Ciências, com as notícias e com as reportagens que viam pelo jornal televisionado e impresso, pelos programas de TV e pelos textos dos livros didáticos. A intenção era propiciar momentos em que pudessem fazer previsões, interrogações, modificar, estabelecer generalizações e trazer à tona os conhecimentos prévios adquiridos nas diferentes disciplinas do currículo.

Para tanto, planejamos várias atividades que foram desenvolvidas nas 16 aulas de Língua Portuguesa, previstas para o mês de setembro. Como o número de aulas era bastante significativo para o desenvolvimento de um único tema, foi necessário um planejamento que levou em consideração o tempo em relação à pertinência de cada atividade. Assim, dividimos a programação em momentos diferentes, os quais descreveremos logo a seguir.

4. A atividade tal qual como aconteceu

Começamos a atividade de leitura colocando no quadro negro o título da obra “Azul e lindo: planeta terra, nossa casa” e a partir daí iniciamos os questionamentos que incitaram os alunos a fazerem inferências sobre o título do texto, fazerem suas previsões, levantando possibilidades a respeito do assunto que iria ser apresentado no texto. Utilizamos de questionamentos, sobre o significado de determinadas palavras e até mesmo do próprio título, como estratégias didática para que os alunos

descobrissem o porquê do título do texto e, a partir da leitura, eles mesmos compreenderiam o seu conteúdo. Contribuíram para puxar os fios dos emaranhados, dos significados das palavras que formavam o título do texto, questões como:

- a) Qual é o **significado** que a palavra **azul** sugere?
- b) Alguém **conhece** um planetário? Já foi lá?
- c) Quem sabe o nome dos planetas?
- d) Como podemos **descrevê-los**?
- e) Quem pode explicar o **significado** da expressão “**planeta Terra, nossa casa**”?
- f) Por que **azul e lindo** e não de outra cor? Como por exemplo: amarelo, roxo, preto, verde, vermelho etc.

Após esses questionamentos lemos o livro em voz alta, mostrando as imagens do texto; essa é uma estratégia muito importante à compreensão e, como alerta Freire (1982), ler é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo. E, nesse mundo moderno, repleto de mensagens imagéticas, a leitura também envolve ler imagens. A proposta de leitura interativa é um processo no qual a informação flui tanto do texto para o leitor quanto do leitor para o texto. Visualizar as imagens permite ao aluno fazer uma interação entre autor/texto/leitor, na qual o sujeito leitor não permanece apenas em um papel passivo de decodificador de palavras, ou frases. Todo o seu conhecimento de mundo pode ser ativado para, conforme Kleiman (1996), elaborar e verificar hipóteses de leitura sobre o assunto do texto; negociar ou inferir significados; hierarquizar o texto, separando ideias principais e secundárias; estabelecer objetivos de leitura e definir níveis de acesso ao material lido segundo os mesmos; associar imagens e texto verbal na construção de sentidos, entre outros procedimentos.

No trabalho com a leitura, principalmente com aqueles que têm dificuldade de ler e de compreender o texto escrito, as imagens contribuem para esse entendimento, isso porque enquanto o professor lê o texto, os alunos vão percebendo a relação existente entre texto escrito e imagem, cada um com vida própria, mas quando juntos dão um efeito que não existe sem essa associação.

Escolhemos o livro “Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa”, para trabalharmos com as 5ª séries (6º ano), porque o livro faz uma associação perfeita entre texto e imagem. De acordo com Abramovich (2004), o professor ao escolher um livro ilustrado deve primar por uma ilustração que puxe pelos olhos, acorde a memória, dispare a inteligência, abra o coração e tenha múltiplas leituras. A autora enfatiza que as ilustrações estimulam a imaginação e permitem, nesse caso, que os alunos façam uso da

palavra oralizando as muitas possibilidades que essas lhes permitem. O contato com ilustrações contribui para que o aluno passe a ter experiências de olhar, de ver diferenciado, conforme a percepção que cada um tem do mundo.

Nessa atividade, a partir das imagens fomos questionando os alunos, instigando-os à curiosidade, ao desvendar dos mistérios das palavras incrustados nas entrelinhas do texto, na ambientação das formas e cores que acionaram os sentidos dos alunos-leitores, para que eles pudessem se sentir co-autores silenciosos do texto. A relação entre texto escrito e imagem não pode ser entendida como relação de dependência e, sim de associação entre ambos.

Para que a atividade de leitura fosse significativa aos alunos, buscamos contextualizar o tema abordado no livro, assistindo ao filme, disposto no sítio <<http://blogln.ning.com/video/planeta-agua-guilherme>>. O filme faz uma excelente associação entre a letra da música “Planeta Água”, de Guilherme Arantes, com imagens do planeta Terra, com água correndo por entre as pedras, matos, rios, lagos e mares. Nessa, etapa da aula, os alunos receberam a letra impressa da música para que, enquanto ouviam a música, pudessem acompanhar lendo a letra e fazendo a associação texto/música/ imagens. Vale acrescentar que essa associação contribui para o entendimento do quanto necessitamos desse líquido precioso à sobrevivência a todos os seres vivos.

Da leitura do livro pudemos levar os alunos a fazerem uma relação com a letra da música. Enfim, qual era a intenção de Guilherme Arantes ao compor essa letra? A quem ele queria atingir com a canção? Em que momento ele compôs a letra da música? Por que os autores, tanto do livro quanto da música, escolheram esse tema? O que levou os autores a escreverem um livro destinado ao público infantil abordando a temática da preservação do meio ambiente? A quem se destina uma obra infantil?

Questionamentos tais contribuíram para que os alunos percebessem que os cuidados com o meio ambiente são fundamentais para a sobrevivência da humanidade. Desse entendimento, surgiu uma discussão sobre o tema água. Os alunos começaram a relacionar o que tinham aprendido nas aulas de Ciência e Geografia sobre água com as questões presentes tanto na obra literária quanto na letra da música. A transferência daquilo que já haviam aprendido naquelas disciplinas serviu para que pudessem ter clareza sobre a importância da preservação com o meio ambiente e da necessidade de economizarmos água, uma vez que o desperdício dessa é assustador. Os alunos participaram ativamente das discussões, trouxeram os conhecimentos prévios adquiridos nas aulas daquelas disciplinas, acrescentaram que o professor de Ciência já havia

explicado que a vegetação é a garantia de existência de água, visto que é nela, ou por ela, que se processa a evapotranspiração que possibilita o ciclo das águas doces, via chuvas e, é por meio dela que acontece a retenção das águas de chuva, ensejando sua infiltração no solo e o conseqüente abastecimento dos lençóis d'água subterrâneos que irão chegar aos rios e lagos. Falaram sobre os aquíferos, rochas porosas por onde a água circula em baixo das superfícies.

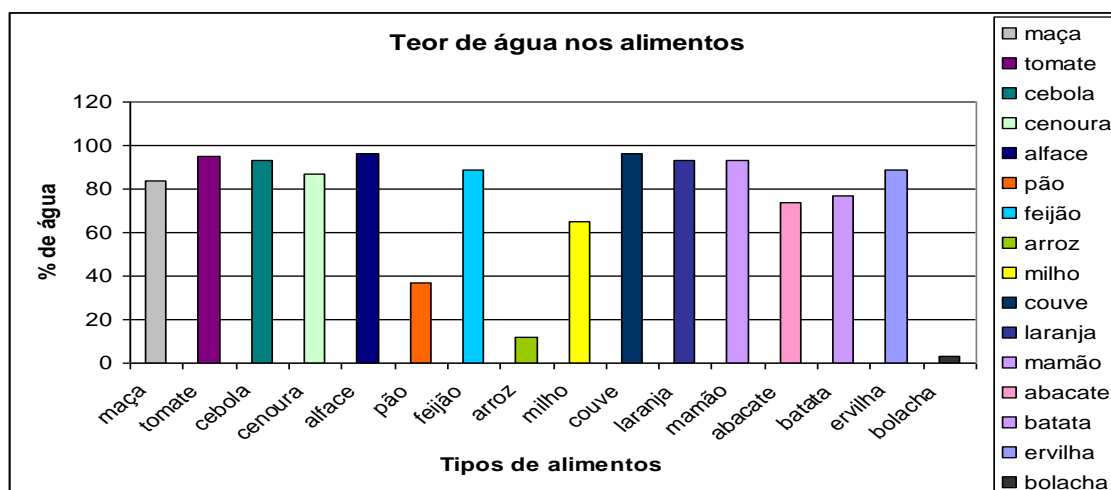
Outra situação muito interessante foi quando um dos alunos relatou que ao fazer o resumo do texto do livro didático, sobre o desmatamento, ele descobriu que o desmatamento das grandes espécies de vegetais, para dar lugar a pastagens e culturas vegetais de baixo porte, leva a erosão do solo que, além de carregar materiais terrosos para os leitos dos rios e lagos diminuindo, com isso, suas capacidades de transporte, tornam o solo estéril pelo arraste da camada fértil.

Comentaram também que o professor de Ciências explicou que a generosidade da natureza fazia crer em inesgotáveis mananciais, abundantes e renováveis. Hoje, o mau uso, aliado à crescente demanda pelo recurso, vem preocupando especialistas e autoridades no assunto, pelo evidente decréscimo da disponibilidade de água limpa em todo o planeta. Recurso natural de valor econômico, estratégico e social, essencial à existência e bem estar do homem e à manutenção dos ecossistemas do planeta, a água é um bem comum a toda a humanidade, mas se não cuidada pode se esgotar. Explicou, ainda que alguns estudiosos preveem que em breve a água será a causa principal de conflitos entre nações. Há sinais dessa tensão em áreas do planeta como Oriente Médio e África.

Explicações como essas evidenciam que quando ao aluno é dado um maior número de condições para o estabelecimento de relações, previsões, deduções, inferências, generalizações..., ele passa a encontrar sentido em ler um texto, sabe por que precisa ler, sente-se motivado para essa atividade. De acordo com Solé (1998, p. 46), “quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo, à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos”. Isso significa dizer que a leitura nos aproxima de múltiplas culturas. Em outras palavras, a leitura de um mesmo assunto por meio de diferentes gêneros textuais, faz com que o leitor processe as informações recebidas de várias maneiras e, é dessa ação de reflexão em torno do assunto que o leitor constrói a sua própria cultura.

A discussão sobre essa temática avançou. Começamos a questioná-los onde a água está presente. Desses questionamentos, a presença da água nos alimentos ganhou um espaço significativo nas discussões, o que originou em uma nova vertente de estudo. Agora, interessava-nos saber quais alimentos contêm mais água e qual a quantidade, aproximada, dessa presente neles. Fizemos, no quadro negro, uma lista dos alimentos que consumimos diariamente nas refeições, tais como frutas, verduras, hortaliças, legumes, grãos e massas. A atividade residiu em, empiricamente, deduzir, comparar e fazer uma equivalência entre os alimentos para saber, hipoteticamente, o teor de água nesses alimentos.

A atividade culminou na produção de um gráfico que, embora, não apresente valores reais, apenas simbólico, ilustrativo, representativo a respeito do assunto, pode ser justificado pelo que está apregoado nas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, ao enfatizar a necessidade de se trabalhar em sala de aula a leitura de diferentes gêneros textuais e, nesses, inclui-se o gênero “gráfico”.



Fonte: profa Regina Janiaki Copes, inspirado na atividade realizada em sala de aula no 1º semestre de 2008. Obs.: gráfico com valores ilusórios, apenas como ilustração da atividade no momento da aula.

Procuramos deixar claro, aos alunos, que não há como precisar o teor de água presente nos alimentos apenas pela comparação e dedução, a sala de aula é um espaço limitado para tal situação. A precisão demanda o desenvolvimento de pesquisa com procedimentos científicos adequados e, que, geralmente, pesquisas dessa natureza são realizadas por universidades em laboratórios próprios. Sugerimos a eles que seria muito interessante uma busca, em fontes que relatam pesquisas científicas, sobre os valores exatos da quantidade de água presente nesses ou em outros alimentos. Salientamos que os livros didáticos são obras construídas por estudiosos que levam em consideração os

resultados de pesquisas científicas e, portanto, o livro de Ciências utilizado por eles serve de suporte para iniciarem a leitura de trechos de textos científicos sobre o assunto.

Prosseguindo à proposta de trabalho com a leitura, apresentamos aos alunos um quadro ilustrativo da variação de consumo de água em litros/dia em vários pontos de uso em nossas casas, tais como: vaso sanitário, chuveiro, máquina e ou tanque de lavar roupas, lavatório no WC, pia de cozinha, lavagem de carros e de calçadas, conforme o quadro abaixo.

Consumo doméstico de água por atividade	
Atividade	Quantidade (em litros)
1 descarga no WC	10 a 16
1 minuto de chuveiro	15
1 tanque com água	150
1 lavagem com máquina de lavar	150
1 lavagem de mãos	3 a 5
1 lavagem de louças	20 a 25
Lavagem do automóvel com mangueira	100
Escovar os dentes com água corrente	11

Fonte: Sem autor. Água, p.37 - Disponível em: <http://www.idec.org.br/biblioteca/mcs_agua.pdf> Acesso em: 12/03/2008.

A partir da leitura desse, os alunos construíram outro gráfico sobre a quantidade de água que gastam em suas casas. Para a realização dessa atividade, trouxeram de casa o talão de água. Primeiramente, perguntamos se eles sabiam ler um talão de água ou luz. Alguns responderam que sabiam, outros ficaram surpresos com a pergunta, uma vez que ler um talão de água não é do interesse deles. Pensamos que são nesses momentos que o professor desempenha o seu papel de estrategista, usa de procedimentos que ajudam os alunos a inferirem significados, levantarem hipóteses, a compreenderem os enunciados que estão explícitos e implícitos. De acordo com Solé (1998), o professor é aquele que traça o caminho mais adequado a seguir, é ele que seleciona, avalia, persiste ou abandona determinadas ações para conseguir a meta a que se propôs.

Diante desse entendimento, propusemos um levantamento aproximado da quantidade de água que cada família gastou no mês com as situações expostas no quadro acima. Essa atividade envolveu muito cálculo, uma das grandes dificuldades encontradas pelos alunos. Tal situação exigiu a participação do professor de Matemática que trabalhou, em suas aulas, as medidas – litro e metro. A leitura do talão de água resultou em vários gráficos que demonstravam em que as famílias estavam gastando mais água. Os alunos levaram para casa os gráficos que fizeram para que as famílias

pudessem programar melhor as atividades a fim de evitar desperdício de água, e também economizar no “bolso”.

Essa atividade foi muito interessante, pois descobrimos que muitos dos alunos já possuíam hábitos básicos como o de fechar a torneira ao escovar os dentes e ao se ensaboar durante o banho, o de não desperdiçar água ao lavar as calçadas de casa, molhar quintal e jardins. Além de contarem como eles próprios agiam na luta pela economia da água em seus lares, contavam também sobre os hábitos de seus pais ou familiares em geral.

Acreditamos que os alunos se conscientizaram um pouco mais de que precisamos preservar o meio ambiente, caso contrário, daqui a cinquenta anos não teremos mais água potável para bebermos.

4.1A produção do *folder*

Em outra aula, dando continuidade ao processo de leitura do livro, agora já de posse aos conhecimentos em torno da preservação ambiental, principalmente, da necessidade de economizarmos água, entramos com uma nova proposta: a produção de texto para ser publicado em um *folder* sobre o tema “SOS Meio Ambiente”. Nesta proposta tínhamos dois desafios a enfrentar, primeiro, fazer um *folder*; segundo, escrever textos que se encaixassem nas normas específicas desse suporte textual.

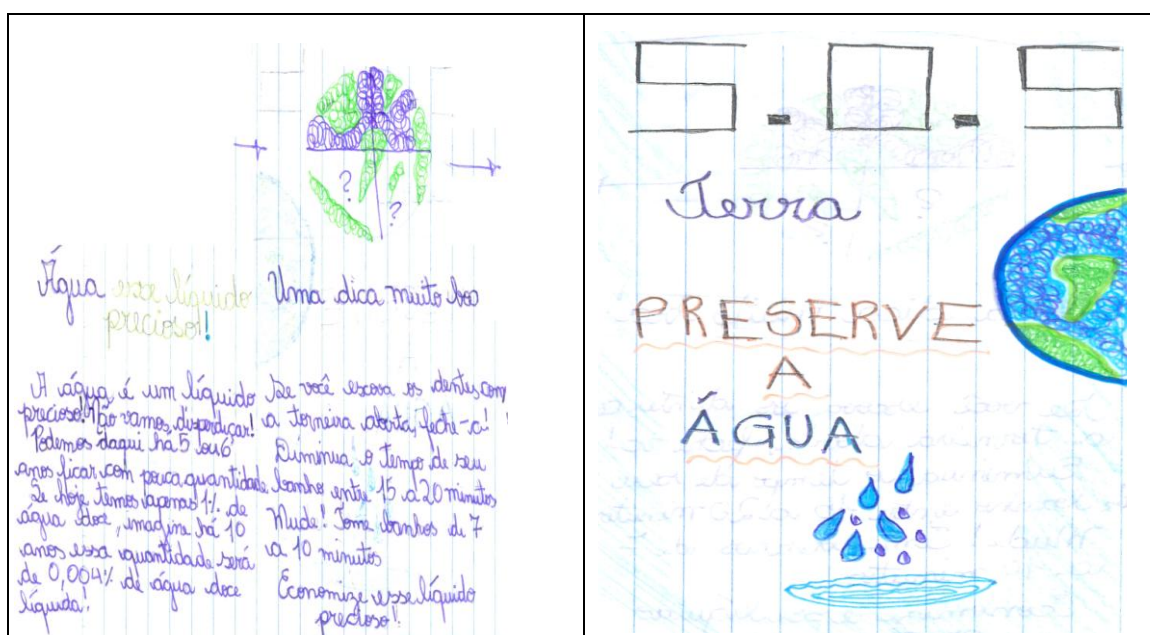
O primeiro passo foi discutirmos com os alunos sobre o que é um *folder*, para que serve, como é produzido, os elementos característicos desse suporte textual: capa, a disposição dos textos, que informações devem vir dentro de um *folder*, a importância das imagens, das cores, as dobras, as letras e os textos. Mostramos aos alunos que na capa de um *folder* contém o chamado principal, o qual deve despertar a curiosidade para a abertura do mesmo. Quando abrimos a primeira dobra precisamos encontrar o detalhamento do que a capa anunciou. A última dobra (externa) fica em geral reservada para os dados como endereço, telefones, e-mails e outras informações como: patrocinadores, mapas de localização e outras informações necessárias. O *folder* é uma ferramenta poderosa para a comunicação e, por isso, necessita de *layout* (arte), impressão e acabamento profissional para produzirem o retorno adequado do investimento. O que exigia deles muita atenção, capricho e dedicação para que os *folders* confeccionados por eles fossem interessantes e despertassem a curiosidade dos leitores. O objetivo dessa atividade foi a de incentivar a participação ativa dos alunos

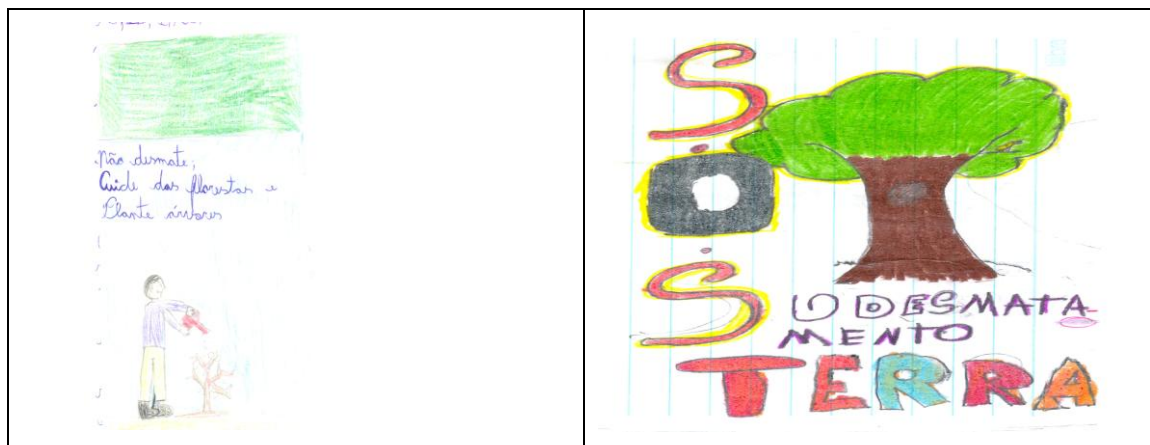
nas situações criadas para a aprendizagem na sala de aula. Procuramos evidenciar as características básicas dos gêneros textuais contemplados em um *folder*.

Nessa etapa da atividade, solicitamos que os alunos fizessem no caderno um esboço do *folder*, incluindo os textos. Era o momento em que eles iriam planejar, escolher o assunto, as imagens, cores e o que iriam escrever, bem como definir o porquê, para quem estavam escrevendo.

Nesse momento, a participação dos alunos foi surpreendente, eles ficaram livres para direcionar o tema “SOS Meio Ambiente”. Essa liberdade propiciou uma riqueza temática e permitiu que uns abordassem o planeta em geral, outros, mais especificamente, a preservação ambiental, os rios, lagos, mares, animais, poluição, desmatamento. Durante a atividade percebemos que eles iam fazendo relações entre as discussões que haviam sido feitas nas aulas anteriores com aquele momento de produção escrita, os alunos recorriam aos livros didáticos de Ciência e Geografia a fim de obterem informações mais precisas sobre o assunto. Foi um momento de muita criação, de grandes revelações, descobertas e de reflexões, pois muitos dos alunos se depararam com uma nova realidade – precisamos cuidar do nosso planeta, pois ele está morrendo.

Para finalizar a proposta de leitura, o próximo passo da atividade foi a distribuição de um exemplar do *folder* aos alunos da 6ª série.





5. Considerações

Conforme Solé (1998), o texto deve ser desvelado pelo leitor. E para isso, ela propõe que o professor ao trabalhar com um texto se utilize de estratégias de leitura em três momentos distintos: antes, durante e depois da leitura.

Com essa proposta de atividade aprendemos que o uso de estratégias, além de auxiliar na compreensão do texto pelos alunos, pode ainda motivar as crianças, oferecer-lhes finalidades, objetivos para leitura, ativar seus conhecimentos prévios, incentivá-los a fazerem previsões e perguntas. O uso das estratégias leva à progressiva interiorização e utilização autônoma pelos alunos. Nesse caso, compreender os propósitos da leitura, o que ler e para que, podem determinar a forma como o leitor se situa na leitura e na compreensão do texto.

As estratégias de leitura permitiram aos alunos ativarem os conhecimentos prévios sobre o assunto e, dessa maneira, assumirem um papel ativo na leitura fazendo previsões, formulando questões e recapitulando informações a respeito do texto e, assim, ir construindo a interpretação do texto no decorrer da leitura.

Espera-se que ao fazer uso das estratégias de leitura o aluno consiga resumir o que leu, destacando as idéias principais e seja capaz de responder perguntas sobre o que foi lido. Em geral, a necessidade de criar gêneros discursivos distintos obedece, fundamentalmente, à intenção de facilitar a produção de todos os textos que circulam em um determinado ambiente social. E, assim como facilitam a produção, podem facilitar a compreensão do texto, porque a leitura é uma atividade que também, de acordo com Kleiman (1993), envolve um processamento cognitivo da informação, decorrente não só do conhecimento linguístico (lexical, sintático e sintático-semântico)

e do conhecimento do mundo, mas também do conhecimento textual (que diz respeito à organização do texto).

O conhecimento textual de que fala Kleiman (1993), apoiada na concepção interacionista de leitura, se associado às concepções discursivas de leitura, pode ser descrito de forma mais ampla como a competência genérica de que fala Maingueneau (2001). Para essa teórica, existem três competências essenciais para a prática da leitura, quais sejam: a competência enciclopédica, a competência linguística e a competência genérica.

A competência enciclopédica é aquela relacionada às experiências de vida do aluno dentro e fora da escola, ou seja, diz respeito a todo conhecimento que adquiriu por meio de sua interação com o mundo que o rodeia, ou seja, a ampliação do seu universo cultural. A competência linguística, da qual faz parte a capacidade de decodificação, consiste em conhecer o código e a estrutura da língua. De outra forma, é o reconhecimento dos seus aspectos linguísticos do texto, a relação do texto com outros textos, seja a partir do autor ou do conteúdo, a relação do texto com os conhecimentos do mundo. Dessa maneira, o leitor não se entrega à leitura de um texto do jeito que o autor quer. E, por fim, a competência genérica concerne à capacidade de identificar os gêneros discursivos e ter um comportamento adequado em relação a eles, isto é são as generalizações que faz.

Sabemos que inúmeros problemas vêm contribuindo para que a escola não esteja vencendo o desafio de ensinar a leitura aos seus alunos. Há uma incompreensão do significado do ato de ler, reduzido à tarefa de simples reconhecimento de um único sentido para o texto. Tal redução, que dissocia as atividades de leitura das práticas sociais comunicativas, acaba por produzir um “modelo escolar” de utilização do livro didático. Como resultado, os atos de leitura efetivados no espaço escolar revelam-se como singularidades estranhas, não se repetindo na vida cotidiana e o que é muito pior ainda é que os diferentes gêneros textuais não são concebidos como representações simbólicas das produções humanas nas mais diversas práticas sociais.

Pretendemos com este artigo, que relata uma experiência de leitura, contribuir para formar leitores competentes capazes de ler, compreender e identificar os elementos explícitos e os implícitos de um texto.

6. REFERÊNCIAS

- COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- COPEL, R. J. **Políticas públicas de incentivo à leitura**: um estudo do projeto “Literatura em Minha Casa”. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, Ponta Grossa, 2007.
- FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. **Os processos de leitura e escrita**: novas perspectivas. Trad. SILVEIRA, L. M. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez: Autores Associados. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, vol. 4), 1982.
- JOLIBERT, J. **Formando crianças leitoras**. Trad. MAGNE, B. C. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- JOLIBERT, J.; SRAIKI, C. **Caminhos para aprender a ler e escrever**. Trad. BRITO, A. X. de. São Paulo: Contexto, 2008.
- KLEIMAN, A. **Leitura**: ensino e pesquisa. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1996.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas, São Paulo: Pontes, 1993.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- SMITH, F. **Leitura Significativa**. Trad. NEVES, B. A. 3 ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TEBEROSKY, A.; et al. **Compreensão de leitura: a língua como procedimento**. Trad. MURAD, F. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ROCHA, R.; ROTH, O. **Azul e lindo:** planeta Terra nossa casa. São Paulo: Moderna Ltd, 2007.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil:** Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2004.